

## A AVALIAÇÃO ESCOLAR, UMA QUESTÃO REFLEXIVA NA ESCOLA PARA A PRÁTICA MEDIADORA DO PROFESSOR ALFABETIZADOR

*TATIANA de Camargo Schiavon<sup>1</sup>*

### *8. Alfabetização e modos de aprender e de ensinar*

**Resumo:** A problemática buscou, com base nas experiências vividas como professor de sala de alfabetização, compreender porque há tanta divergência de interpretação das hipóteses de escrita nas sondagens realizadas com a mesma criança, dentro do espaço escolar, feitas pela professora e pela coordenadora. Como essa diferença na interpretação da hipótese pode influenciar no desenvolvimento de intervenções? Ao realizar essa investigação, pode-se analisar os sentidos da avaliação, contribuindo para a reflexão científica nos espaços de realização da sondagem tanto ao material oportunizado, quanto às relações pré-estabelecidas pela criança com quem aplica a sondagem e ao olhar de quem avalia. A pesquisa também contribuiu com o campo de estudo através de momentos em que foi possível compartilhar possibilidades de novos caminhos dentro de parâmetros já pesquisados anteriormente e que contemplam bases teóricas fundamentais para aqueles que trabalham com alfabetização, tais como: Luckesi (1995), Hoffmann (1993, 1994), Haydt (2004), Ferreiro (1996), Freitas (2003) e Freire (2010). Como resultado, pode-se vislumbrar um processo de pesquisa-formação, no qual vivenciou-se as potencialidades da troca de experiências, refletindo através de estudo coletivo, porque, como, para quê e o que avaliar ao realizar sondagens nas turmas de alfabetização.

**Palavras-chaves:** Avaliação diagnóstica, processos avaliativos, alfabetização

---

<sup>1</sup>Mestre em Educação pela UFSCAR - SO. Professor da Educação Básica Municipal de Monte Mor e Capivari, São Paulo,. Contato: taticschiavon@yahoo.com.br

## Introdução

Há muitos olhares e conceitos que envolvem e justificam a prática avaliativa na escola. Historicamente é possível analisar inúmeras teorias, às quais perpassa-nos desde nosso primeiro contato com a escola, ainda como alunos. Por isso, a avaliação é compreendida como um mecanismo de orientação didática e se tornando ainda um grande desafio. Muitas pesquisas já em andamento buscam apontar métodos, registros e teorias para uma avaliação com juízo de qualidade e não de quantidade, porém a passos lentos, se aproximando da escola com outros meios de encarar a avaliação, o que comprova a necessidade de maior aprofundamento neste estudo - inferência essa confirmada a partir do trecho abaixo.

[...]a prática de avaliação escolar tem estado contra a democratização do ensino na medida em que ela não tem colaborado para a permanência do aluno na escola e a sua promoção qualitativa. LUCKESI (2006, p.66)

Diante dessa inferência, bem como reconhecendo sua necessidade nas diferentes etapas que envolvem o ensino, observam-se critérios para delimitar o campo da pesquisa de maneira que assim possa haver aprofundamento, e, com isso, retratar a realidade com maior potencialidade de compreensão. O recorte se dá mediante a atuação do pesquisador como também professor em turmas de alfabetização, de modo a possibilitar maior proximidade ao campo de estudo, tendo a avaliação diagnóstica realizada na sala de alfabetização de uma escola municipal do município de Monte Mor, SP, sendo destacada como o campo de investigação.

Sendo assim, parte-se então das questões norteadoras que direcionam a pesquisa: por que há tanta divergência de interpretação das hipóteses de escrita nas sondagens realizadas com a mesma criança, dentro do espaço escolar, feitas pela professora e pela coordenadora? Como essa diferença na interpretação da hipótese pode influenciar no desenvolvimento de intervenções?

Tais questões se destacam por permear reflexões: como registrar essa avaliação, para que registrar, o que olhar, como usar o registro e o que fazer com essa avaliação diagnóstica depois de aplicada, ou seja, até que ponto a avaliação diagnóstica pode afetar a vida cognitiva e social dos educandos.

Outro momento importante que se destaca na coleta de dados para interpretar o problema dessa pesquisa é a possibilidade de participar de reuniões pedagógicas em que o corpo docente discute as questões levantadas acima. Nesses momentos notam-se descontentamento, frustrações e divergências no entendimento de como se dá a interpretação das hipóteses de escrita. Com isso, é estabelecido um processo de reconstrução, tanto em si mesmo quanto na turma em que atuam, no âmbito de repensar a necessidade de formação sobre porque e como os alunos seguem - apesar das aulas e intervenções - estagnados na evolução da escrita.

Buscando contrapor essa realidade, inicia-se um estudo coletivo com levantamento teórico. Nele foi possível compreender que em inúmeros textos estudados - bem como em documentos oficiais - as escolas apresentam diferentes critérios, ideias e meios de avaliação diagnóstica, além de encontramos divergências na interpretação e nas estratégias de intervenção.

Inicia-se esse percurso delineando dados que possibilitaram refletir sobre a própria prática a fim de que esse processo de investigação da maneira como as escolas aplicam, entendem e usam a avaliação diagnóstica da aprendizagem em salas de alfabetização pudesse contribuir cientificamente com novos conhecimentos partindo das experiências já vividas para esse espaço de atuação e mobilização dos espaços da escola, sendo formativo tanto para o professor, quanto para o coordenador.

Para isso, foi importante elencar dados através das situações de reflexão vivenciadas no grupo, o que possibilitou proximidade das vivências e com isso facilitou a análise. A partir de então, a pesquisa contribuiu com o campo de estudo através de momentos em que foi possível compartilhar possibilidades de novos caminhos dentro de parâmetros já pesquisados anteriormente e que contemplam a interação entre os educandos envolvidos nesse processo, pensando a partir da concepção descrita por LUCKESI (1995):

[...] o ato de avaliar tem, basicamente, três passos: Conhecer o nível de desempenho do aluno em forma de constatação da realidade. Comparar essa informação com aquilo que é considerado importante no processo educativo. (qualificação)-Tomar as decisões que possibilitem atingir os resultados esperados. (p,148).

Por isso, as reflexões dessa pesquisa trilharam caminhos que podem levar a uma conclusão de forma respeitosa e convicta de que este trabalho contribui para todos os que, de alguma forma, participam do processo de ensino, instigando-os a compreender como pensam os alunos, respeitando o processo ou até mesmo problematizando um repensar sobre as suas práticas de avaliação diagnóstica.

Por isso, foram analisadas diferentes obras de distintos autores a fim de refletir sobre as diferentes interpretações em torno da avaliação diagnóstica de alunos em fase de alfabetização, não se amparando apenas na realidade vivida, o que poderia dar a ideia de senso comum, sem aprofundamento crítico-reflexivo.

Essa coleta de dados e conteúdos da pesquisa se deu baseada em livros, artigos, revistas e documentos oficiais que tratam do tema, bem como a LDB, a BNCC e as DCNs, além dos documentos oficiais do município, os quais organizam e orientam a efetiva aplicação da avaliação escolar nas salas de alfabetização com base em Luckesi (1995), Hoffmann (1993, 1994), Haydt (2004), Ferreiro (1996), Freitas (2003) e Freire (2010).

Após esse primeiro movimento de estudo, foi necessário passar para a contraposição desses dados com as interpretações dos profissionais envolvidos, dados esses recolhidos a partir das análises das pastas de avaliação das salas de alfabetização daqueles que aceitaram fazer parte dessa pesquisa.

Para que essa reflexão sobre como, para quê, o quê e como avaliar, os registros de planejamento do fazer a partir desses estudos se constituiu um importante mapa de compreensão sobre a avaliação diagnóstica e, com isso, pôde ajudar a delinear caminhos de intervenção pedagógica a esses educandos, partindo desse novo meio de fazer a avaliação diagnóstica, podendo contemplar outros profissionais que tiverem acesso a esse assunto.

Afinal, como cita Paulo Freire, a educação é a base para a mudança da sociedade, e refletir criticamente sobre a própria prática contribui para que outros possam construir as maneiras de pensar sobre o seu fazer.

Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. (Paulo Freire, 2010)

Como conclusão, apontam-se caminhos encontrados nessa busca, sugerem-se passos e experiências que podem contribuir com novos estudos sobre o assunto. Reafirma-se que esse texto não apresenta um fim em si mesmo, mas sim um caminho feito, que possibilitou vivências, conflitos e desafios, os quais podem ser ampliados, modificados e/ou confirmados em outros espaços, outros tempos e outros profissionais.

## **2 Fundamentação teórica<sup>2</sup>**

De acordo com Russo e Vian (1999), a pesquisa de Ferreiro e Teberosk se realizou com fundamentos científicos e com termos pedagógicos, assim elaborando uma teoria que visa oportunizar aos professores uma reflexão em torno do que pensam as crianças e quais são os possíveis processos de seu desenvolvimento. Contribui-se, assim, para um direcionamento diante de possibilidades de intervenção.

Nesse sentido, toda essa contribuição possibilita a cada um dos professores repensar em possibilidades para direcionar a sua prática e levantar dados a partir dessa teoria, visando atuar na problematização das hipóteses construídas pelas crianças e assim conduzir um ensino que dialogue com a aprendizagem e oportunize sentido para aquele que aprende.

No percurso da pesquisa constatou-se a diferença na maneira como os professores compreendiam cada uma das hipóteses. Isso também se deu nos diferentes textos teóricos estudados, o que possibilitou um dos caminhos escolhidos para buscar sanar esse problema através do aprofundamento no estudo de cada uma delas. Para isso, autores como Russo e Vian (1999) e pesquisas em sites confiáveis, como o da Revista Nova Escola, foram fundamentais.

Visando informar como se dá esse processo de construção de hipóteses pela criança, o material citado acima orientava autores renomados, tais como: Moraes (2012), Grossi (2015) e Ferreiro e Teberosk (1999). Esses autores foram fundamentais na construção da síntese ao conceituar cada uma das hipóteses de escrita nas reuniões de formação.

Mediante a toda essa complexidade de conhecimento presente em cada

---

2

hipótese construída pelos alunos, e, comparando esses dados com os métodos descritos anteriormente, podemos inferir que unir e adaptar esses conceitos aos recursos de ensino presente em cada metodologia utilizada se faz uma tarefa bastante complexa para o professor.

Pensando ainda que esses professores também vivenciaram, cada um diferente do outro em sua infância, exemplos de metodologia e de didáticas utilizadas por seus professores, e que essas ações estão intrincadas nas suas, considera-se que haja um amplo caminho a percorrer quando se pensa na formação de cada um. Pode-se compreender que o caminho de formação do professor perpassa pela mesma construção de hipóteses construídas a partir de sua trajetória, refletindo seus percursos e pensando nos próximos.

Por isso, conhecer o saber de cada um dos alunos, interpretar esses saberes e procurar intervir em todos os alunos ao mesmo tempo demanda esforço e grande conhecimento do professor, e que vivenciar em si a mesma ação pode facilitar essa conduta por compreender como se dá o processo de aprender.

Um fator destacado por todos os autores que embasam este estudo é o da necessidade de uma boa avaliação desses saberes, pois desenvolver atividades que atendam à diversidade de hipóteses da sala de aula, de maneira a conduzir boas problematizações para que os alunos possam evoluir em suas hipóteses, exige estudo e domínio do professor em relação aos saberes escondidos em cada hipótese construída, como apontam as autoras:

O envolvimento dos sujeitos na reflexão da própria ação pode desencadear um processo de mudança, considerando que o seu próprio contexto se encontrará em análise. Entender a complexidade da avaliação dentro de uma realidade escolar possibilita trazer para o debate questões que muitas vezes se restringem ao interior da sala de aula e se mantêm sob o domínio do professor sem a menor possibilidade de ser problematizada. (Santos, Passarelli, 2017, p. 125)

Vê-se que toda a experiência vivida pelo professor pode ampliar ou restringir a sua ação, desde as memórias que este tem como aluno até as vivências possibilitadas como professor na trajetória profissional.

Aqui chegamos a um dado muito importante da problemática desta pesquisa,

pois mergulhar nessa construção de conhecimento do professor oportunizou um movimento de reflexão sobre como esse profissional aprende, convertendo os saberes alcançados em si na dinâmica do seu fazer com os alunos. Com base nesse movimento de reflexão, houve uma ascensão da compreensão de si e como acontece o processo de aprendizagem com os seus alunos.

A fim de aprofundar e traçar os possíveis caminhos que poderão levar a uma ou várias respostas - e se não alcançar respostas esse relato já poderá demonstrar que esse caminho precisa ser modificado -, bem como pensando em todas as diversas possibilidades, é estabelecida a análise de toda a coleta de conceitos e teorias, contrapondo, justificando e direcionando as observações realizadas no cotidiano.

Essa análise se dará com base nos dados científicos destacados até o momento, confrontando a realidade observada e registrada através de relatórios em diário de pesquisa, mediante observações do cotidiano investigado. Assim, pode-se compreender o que leva às divergências de interpretação percebidas no dia a dia entre a visão da coordenadora e dos professores a partir da observação do registro das hipóteses de escrita de seus alunos, da busca pela compreensão do real sentido da avaliação adotada por esse grupo de professores nesse cotidiano e da forma como se constituíram as reflexões para a transformação.

### **3 Metodologia**

Este estudo se trata de uma pesquisa-formação, em que a pesquisadora é também professora da sala de alfabetização investigada. Há um movimento autobiográfico em todas as etapas da investigação, pois ao realizar a pesquisa e confrontar os documentos oficiais do município, com o levantamento teórico e com o repensar da prática, tem-se um processo de rememorar o próprio fazer e projetá-lo em um novo fazer.

Além de levantamento de aporte teórico sobre o assunto, foram analisados os dados presentes em documentos oficiais do município, os quais foram discutidos em reuniões da escola. A partir destes traçou-se um plano de ação para a realização das próximas sondagens.

Partindo desse movimento, foram realizados os registros das compreensões em diário de campo em forma de narrativa, as quais foram analisadas a partir da

metodologia de análise interpretativa-compreensiva de Souza (2014), conferindo as discussões aqui expostas.

#### **4 Resultados e Discussão**

A ação mobilizou momentos de reunião com os professores na escola, visando estudar as diretrizes e partilhar as diferentes interpretações do grupo, para que, através dessa reflexão, a ideia de que a sondagem seja apenas uma imposição burocrática fosse desconstruída e que o verdadeiro sentido de avaliar pudesse ser discutido, conforme aponta o trecho abaixo:

[...]defende que a avaliação deve ser compreendida como um processo dinâmico de permanente interação entre educador e educando no apontamento e no desenvolvimento de conteúdos de ensino aprendizagem, na seleção e aplicação de suas metodologias, bem como no diagnóstico da realidade social, visando a mudança comportamental educando e do seu compromisso com a sociedade. (HAYDT, 2004)

Foram oportunizados momentos de troca de experiências com os professores diante das formações e da análise do registro da sondagem. Novamente, notou-se que toda a compreensão referente à importância da avaliação não havia alcançado a prática. Então, além de trocar experiências sobre as estratégias de aplicação e registro entre os professores, foi necessário retomar os textos de estudo e apresentações oferecidas pela equipe de formação do município aos professores ingressantes na carreira. Tais ações visavam aprofundar o passo a passo da aplicação e do registro das sondagens para consolidar o conceito pretendido de que:

Toda a avaliação deveria ter uma dimensão diagnóstica, no sentido de que conduz, ou deveria conduzir, a um melhor ajuste do processo ensino-aprendizagem. Deveria tratar a adaptação melhor do conteúdo às formas de ensino com as características dos alunos revelados pela avaliação. (SANTOS, 2007, p. 6)

Outra ação foi revisar os planejamentos, a fim de avaliar se esses subsídios levantados na observação mais profunda da sondagem foram ou não descritos nas

atividades propostas, ou seja, se o movimento de instrumento para pensar a intervenção necessária estava sendo realizado.

Houve aqui uma tomada de consciência, a qual possibilitou aos envolvidos reavaliar sua maneira de aplicar as sondagens e interpretar cada uma delas. Isso trouxe à tona o porquê de muitas das intervenções não darem certo anteriormente, pois não estavam voltadas às necessidades dos alunos e simplesmente cumpriam um papel burocrático, em que a sequência do livro didático fora cumprida tal como era apresentada sem sofrer adaptações de acordo com as necessidades de sua turma.

## 5 Considerações Finais

Todo esse percurso direcionou a novas intervenções pedagógicas, possibilitando a conclusão de que toda esta pesquisa não se findará neste texto, pois ela oportuniza possibilidades de ações coletivas cotidianas de todo o grupo de professores da escola em um movimento de busca constante por novos saberes.

Todo o processo instigou um movimento de (auto)formação, em que ao refletir com base nas teorias apresentadas o próprio fazer pedagógico, foi possível refletir e projetar novas experiências, contribuindo para a compreensão sobre o que é preciso estar em constante formação, para assim conhecer diferentes recursos e potencializar novas maneiras do fazer em sala de aula.

## Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FREITAS, Luiz Carlos de. *Ciclo, Seriação e Avaliação: Confronto de Lógicas*. 2003. Disponível em: [http://www.anped.org.br/reunioes/27/diversos/te\\_luiz\\_carlos\\_freitas.pdf](http://www.anped.org.br/reunioes/27/diversos/te_luiz_carlos_freitas.pdf) Acesso em 14 Abr 2010.

GROSSI, Ester Pillar. *Didática da alfabetização do nível alfabético*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, volume 3, 1990.

\_\_\_\_\_, Ester Pillar. *Didática da alfabetização do nível pré-silábico*. Rio de Janeiro: editora Paz e Terra, volume 1, 1990.

\_\_\_\_\_, Ester Pillar. *Didática da alfabetização do nível silábico*. Rio de Janeiro:

editora Paz e Terra, volume 2, 1990.

HAYDT, Regina Cazaux, Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem. São Paulo: Editora Atica, 2004.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação Mediadora: Uma Prática em Construção da Pré-escola. A Universidade. 14ª ed. Porto Alegre: Mediação 1993.

LUCKEZI, Cipriano G. Avaliação da aprendizagem escolar: SP. Cortez, 1.995.

MONTE MOR. Diretrizes Curriculares Municipais de Monte Mor. Secretaria de Educação, Esportes, Cultura e Turismo. Monte Mor – SP. 2005 – 2010.

MORAIS, Artur Gomes. Sistema de escrita alfabética. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

RUSSO, Maria de Fatima. Alfabetização um processo em construção. 6. ed. São Paulo: Saraiva,2012

SANTOS, Edna Ribeiro dos. PASSARELLI, Lilian Maria Ghiuro. Um estudo sobre a elaboração dos instrumentos de avaliação utilizados pelos professores do ensino fundamental. In. Seminários de Práticas do Mestrado em Educação. PUC – SP, 2017.